

Beauvoir e Sartre na macumba

FÁBIO ROSARIO*

RAFAEL HADDOCK-LOBO**

Resumo: Investigamos neste artigo como seria a visita de Simone de Beauvoir ao terreiro da Gomeia e o encontro entre Exu Mirim e Jean-Paul Sartre como metáfora para pensar a desconstrução e descolonização da filosofia europeia. Se nos situarmos entre a Filosofia e Macumba, talvez, perceberemos as rotas de desvio das opressões que ainda insistem em obsidiar a filosofia.

Palavras-chave: Simone; Gomeia; Exu Mirim; Jean-Paul; Descolonização.

Beauvoir and Sartre in Macumba

Abstract: We investigate in this article how it would have been the Simone de Beauvoir's visit to the Gomeia's terreiro and the meeting between Exu Mirim and Jean-Paul Sartre as metaphors for thinking about the deconstruction and decolonization of European philosophy. If we find ourselves between Philosophy and Macumba, maybe we will realize the routes of deviation from the oppressions that still insist on haunting "the" philosophy.

Key words: Simone; Gomeia; Exu Mirim; Jean-Paul; Decolonization.



* **FABIO ROSARIO** é doutorando em Filosofia pela UFRJ.



** **RAFAEL HADDOCK-LOBO** é Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Professor do Departamento de Filosofia da UFRJ e dos Programas de Pós-graduação em Bioética, ética aplicada e saúde coletiva (PPGBIOS-UFRJ) e Filosofia (PPGFIL-UERJ).

Palavras iniciais

Iniciamos nosso artigo estabelecendo sua morada na margem entre a Filosofia e a Literatura, entre a Ficção e a Autobiografia, entre a Filosofia e a Religião, entre a Filosofia e a História, entre a Filosofia da História e a Macumba, entre a Filosofia e a Macumba, entre a Ontologia e a Macumba. Indo com e além de Beauvoir e Sartre, falando sobre a religião, sobre as religiões do outro do outro cabo. Contando histórias breves que ocorreram como metáfora para os mitemas e filosofemas. Eis nosso objetivo: habitar a encruzilhada.

O poeta Zé da Luz, para falar de amor, ao invés de usar o comum “Era uma vez” que inicia todo conto de fadas, usou a expressão “ai se sesse” para contar sua fábula de amor. “Ai se sesse” é algo como uma frase suspirada, o sonho de outros mundos que parecem impossíveis, mas que são possíveis no encantamento. “Ai se sesse” não responde ao tempo do relógio nem ao espaço das fronteiras. Ele pode se dar em todo canto, a toda hora. E é com o mesmo “ai se sesse” que queria começar essa fábula que começa na Bahia.

Em 1960, chegando na Bahia e sendo recebidos por Jorge Amado e Zélia Gatai, os filósofos franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir passam algum tempo percorrendo o nordeste brasileiro. O que alguns ficaram sabendo é que eles foram ao Opô Afonjá e Mãe Senhora jogou búzios para o casal, dizendo que Sartre era filho de Oxalá e Simone de Oxum. O que ninguém sabe, e aqui começa nossa história, é que ela ouviu o conselho de Jorge, que costumava dizer que muitos candomblés na Bahia podem ser mais puros em seus ritos, mas que nenhuma macumba era tão espetacular como a da Gomeia.

Simone de Beauvoir na Gomeia

Ao contrário do marido ateu, Simone se encanta com a ideia de ver a mistura da cultura iorubana, banta e ameríndia e, ao chegar no Rio de Janeiro, pede para ser levada à festa de Seu Pedra Preta, caboclo patrono da casa. Abdias do Nascimento e Darcy Ribeiro a acompanham e, chegando em Caxias, instintivamente Simone se põe aos pés do dendezeiro, põe suas duas mãos no chão e fala: *je suis de la Gomeia*.

Quando Seu Pedra Preta baixa no terreiro, um vento forte chega e, toda arrepiada, Simone vai a ele e recebe um abraço forte, quando o caboclo grita para todos ouvirem: “exa aqui, exa dotôra, veio pá defendê nossa caxa, e vai xê makota de Matamba”. Sartre volta para Paris, irritado com a crença da esposa, e Simone dá sua obrigação e passa a ser filha da Gomeia, vindo ao Brasil pelo menos uma vez ao ano para a festa da dona dos ventos.

Defensora de sua casa, como preconizou Seu Pedra Preta, Simone chega a publicar no Jornal “O Quilombo” uma resposta tardia à antropóloga americana Ruth Landes que, como se sabe, sentou o pau em Joãozinho. Em seu artigo “Tata Londirã: o Canto do Caboclo No Quilombo de Caxias” (que em 2020 viraria samba enredo da Acadêmicos do Grande Rio), Simone denunciava o preconceito que João sofrera ao longo de sua vida, como negro, homossexual afeminado e, em um tempo em que isso não era permitido, ser um homem que não apenas recebia seus orixás, mas que os vestia nas festas (pois, em alguns terreiros, os homens até podiam receber escondidos, mas nunca em público, vestindo seus orixás nas cerimônias litúrgicas).

Se Ruth Landes dizia que ninguém levava Joãozinho a sério, que era apenas um homossexual dançarino que alisava seus cabelos compridos, a makota Simone da Gomeia, exaltava a vida política e cultural de Tata Londirá, sua importância para a consolidação da macumba carioca, que não tem lugar para purismos e que marca sua força no cruzamento das diferentes culturas vindas de África com a que havia aqui antes da chegada dos brancos.

Simone se torna, ao mesmo tempo, grande aliada da luta pela defesa das culturas afro-diaspóricas e faz de Joãozinho da Gomeia o primeiro filósofo *queer*. Dando forma ao ensinamento de Seu Pedra Preta, Simone se torna ávida leitora de Walter Benjamin e, mais tarde, seus estudos influenciariam fortemente a filosofia francesa, em especial a filosofia de Foucault, que viria para o Rio de Janeiro, e não para São Francisco, se inspirar para pensar sua *estética da existência*.

Mas isso já é outra história. O que eu queria aqui contar para vocês é a história de um mundo em que bantos, nagôs e indígenas convivem no mesmo terreiro, em que mulheres brancas são aliadas de bichas pretas, em que francesas se tornam filhas de santo, em que antropólogas americanas não ditam o que é certo ou errado com respeito aos babalorixás e ialorixás, em que cada terreiro tem o direito de ter sua lei, em que filosofia, macumba e samba se complementam. Será que é um mundo tão impossível assim?

Mas o que a história conta é que, de fato, depois desse furdunço todo causado por Tata Londirá (e, *ai se sesse*, por Simone de Beauvoir), ele volta à Bahia em 1966 e faz suas obrigações com Mãe Menininha, se tornando o primeiro homem a vestir seu Orixá no

Gantois. E parece que Matamba fez questão de rodopiar com seus cabelos longos e alisados pelos quatro cantos do terreiro...

Contam, por fim, que em 2020, na Marquês de Sapucaí, as alas feministas, LGBTQ+ e o movimento negro, todas essas alas se juntaram, a mando de Seu Pedra Preta, e cantaram: “Giram presidentes, penitentes e yabás / Curva-se a rainha e os ogans batuqueiros pedem paz / Salve o candomblé, eparrei oyá / Grande rio é Tata Londirá”.

Mas quem ganhou o Estandarte de Ouro foi, no fim das contas, o caboclo!

Ai se esse...

Sartre conversa com Exu Mirim

Simone e demais amigos choravam enquanto o cortejo fúnebre reunia uma multidão. A morte não fora repentina. Os dias que a antecederam anunciavam a iminência da partida. Mas, como se preparar para a finitude daqueles que amamos?

Atônito, Sartre observava a movimentação. Via seu corpo imóvel. Pensava numa causa para ainda ver e ouvir as pessoas mesmo após a desincorporação. Talvez, a mente seria um fenômeno mais complexo que supusera durante a vida, e sem cogitar a imaterialidade advogada pelos religiosos, esperava a finitude de sua consciência como uma fatalidade natural.

Passaram dias, meses, anos. A consciência como costumava chamar, persistia em manter-se ativa. Inclusive as limitações que enfrentara nos últimos dias de vida ao lado de Simone haviam sido superadas. Lembrava de fatos da infância como se ocorressem naquele instante.

Percebeu que sem as limitações espaço-temporais da corporalidade, aparecia nos locais que seu nome e memória eram invocados. No primeiro ano não controlava as aparições, encontrava-se ao lado de Simone e de repente aparecia numa sala de aula no Rio de Janeiro ou em Dancar. Agora, já conseguia controlar as aparições, mesmo chamado em diferentes lugares, podia permanecer no local que se encontrava ou até mesmo ir a locais sem ser invocado.

Gostava dos ares de Veneza. Rememorava sua vida¹. Pensava na confusão que as entrevistas² dadas a Simone e Benny causavam, na disputa pelo seu derradeiro testemunho intelectual.

Certo dia decidiu ver o quadro São Jorge de Tintoreto na *National Gallery*. Lembrou que lhe dedicara uma obra. O encanto que lhe produzira a obra não o impedira de brincar com as motivações religiosas de Tintoreto ou dos que apreciavam seu quadro. Viveu intensamente a recusa da religiosidade cristã com seus dogmas da encarnação divina, povo escolhido e ressurreição dos mortos.

Enquanto contemplava o quadro, ouviu uma canção:

Exu Mirim já vem. Exu Mirim já vem
Se o Exu já veio, Exu Mirim vem também

¹ Auscultamos com a fidelidade-infiel na escrita do nosso artigo os textos que Jean-Paul Sartre escreveu ou pronunciou tanto quando esteve em cidades europeias (1960; 2009; 2009b; São Jorge e o dragão [p. 47-64] e Jean-Paul Sartre responde [p. 108-118] In: PINGUAUD, 1968) quanto quando visitou a cidade de Araquara (1986).

² Situamos-nos a margem da querela sobre qual seria a última entrevista concedida por Sartre, ou qual dos entrevistadores foi o mais fiel na transcrição de sua fala (BEAUVOIR, 1981; LEVY, 1981).

Salve Exu Mirim, a sua Calunga

Salve as Pombas Giras, sarava seu Exu Rei.

Compreendeu as palavras e lembrou-se do Brasil. Olhou e viu um casal observando o quadro. Pareceu-lhe que olhando o quadro recordaram das macumbas que freqüentavam. E antes que atentasse para a conversa que seguiu a canção, Exu Mirim apareceu ao seu lado.

Exu Mirim sentou-se, parecia chateado. Foi invocado e não havia macumba. Não ganharia seus costumeiros presentes. E o lugar lhe era estranho. Reconheceu o representado no quadro e compreendeu que não estava no Brasil.

Sartre percebeu a oportunidade de conversar com alguém que convivia bem com a situação que lhe angustiava. Conversara algumas vezes com outros fantasmas franceses, mas eram muito chatos. Alguns insistiam que aguardavam o momento que São Pedro ou algum Anjo os levassem para o paraíso; raros eram os que esperavam a reencarnação neste mundo ou noutro planeta; Sartre e outros teimosamente explicavam que não havia vida após a morte, que viviam apenas um sonho, uma projeção de suas mentes aprisionadas nos corpos em decomposição.

Aproximou-se da criança e se apresentou. Explicou que fora um filósofo ateu, que militara para que nenhuma criança no mundo sentisse fome. Entendia que a tarefa da filosofia acontecesse nas ruas, nas praças, etc., e sua insubstituibilidade pelas ciências humanas ou afins. Afinal, as chamadas ciências trabalham com um domínio do conhecimento determinado e a filosofia trata do universal, versa dialeticamente com a história e compromete o filósofo

com a superação das situações que escravizam a humanidade.

Exu-mirim respondeu-lhe que Sartre estava preso numa individualidade fundada na concepção que a consciência só encontra a alteridade quando já formada, uma individualidade fechada à alteridade impossibilita a tarefa filosófica de libertar as pessoas. Insistiu que a superação da educação severa dos infantes que prometera chegará no dia que se compreender que a consciência se forma no cotidiano contato com o outro, desde a gestação a criança percebe o mundo externo, após o nascimento assimila as informações que recebe. Os outros, portanto, estabelecem uma inter-relação formativa com a criança, pois é “necessária uma aldeia para educar uma criança”.

Sartre percebeu que a criança invertia a ordem de sua enunciação. A criança pretendia abalar sua obra mais importante. Reconhecer que a inversão proposta ao situar o corpo e a alteridade como condição para a constituição da individualidade, após tantos anos, lhe soou agonizante. Mas, antes que retrucasse que o infante era muito jovem para entender a complexidade das questões filosóficas, Exu Mirim cantou:

Oh! Meu Senhor das Almas
Me diga quem vem aí
Ele é pequenininho
Ele é Exu Mirim
Oh! Meu Senhor das Almas
Não faço pouco de mim
Porque eu sou pequenininho
Eu sou Exu Mirim.

Sartre entendeu o recado, Senhor das Almas era uma metáfora. A criança antes que ele retrucasse, já avisava que sua estatura, traquinagens, brincadeiras, etc., não significam imaturidade. As categorias europeias empregadas para descrever a infância não se aplicavam a

este fantasma que viera do Brasil para lhe atormentar. Outrossim, quando visitara o Brasil, havia defendido que a intelectualidade abandonasse as viseiras que o etnocentrismo produzia. Talvez, ele ainda padecesse do efeito de ver sem ser visto, de ser ouvido sem ouvir, de falar e não esperar ser retrucado, etc. Se ouvisse aquele menino por alguns instantes, será que aprenderia rotas de desconstrução e descolonização da filosofia europeia?

Exu Mirim ria do filósofo e num soslaio disparou que tivera a chance de compreender tais questões se tivesse entendido que a razão africana não é diferente da razão europeia. Apegado as categorias que tateava recusar, habitante das margens da filosofia acadêmica, nunca superara a distinção entre razão e sensação como categoria explicativa da distinção da humanidade entre selvagens e civilizados. A humanidade pensada pela maioria dos europeus é pálida na mente e no corpo.

A desconstrução e descolonização da África não chegariam com as categorias propostas além mar como pensara Sartre. Desconstruir é acertar ontem um homem com a flecha que foi atirada hoje; desconstruir é acolher a ancestralidade, olhar de soslaio e ouvir suas histórias, identificar que a desconstrução chegou pelas vozes ancestrais, explicou Exu Mirim, e cantou:

Ele pulou brasa
Ele pulou a porteira
Tocou fogo no paiol
É Mirim, é Mirim
É Exu travesso.

Descolonizar é abalar o arquivo oral e escrito exportado pelos europeus. Brincar com estes conhecimentos, feri-los de morte sem matá-los. Queimar pelo fogo da verdade, queimar os paíóis

ou bibliotecas, mas manter as cinzas para evitar o esquecimento do que é imperdoável. Travessura é inverter os pares binômicos do logocentrismo, submergir o que é valorizado pelo europeu hostil e emergir os saberes ancestrais dos outros cabos.

Atônito com a sabedoria do infante, Sartre se lembrou dos esforços que empreendera para denunciar os crimes cometidos pelo logocentrismo no mundo. Lembrou que considerada um estigma, as cores preta e amarela ainda condicionam o lugar de fala nas salas de aula eurocentradas. Quando sua reflexão foi interrompida pela canção:

Entrei no cemitério
Somente pra visitar
Eu fui nas sete catacumbas
Exu Mirim é quem morar lá
Catatumbinha vai me ajudar
A encontrar o meu caminho
A minha luz voltará a brilhar
Saravá Exu Mirim
Do cemitério vou me retirar
Vou deixar minhas doenças
E a saúde eu vou levar.

Antes que Sartre lhe perguntasse, Exu Mirim lhe explicou que o culto aos espíritos ancestrais objetiva a manutenção do espírito dos entes e das personalidades que foram importantes para a comunidade. Acredita-se que com a morte a energia vital dissipa-se, cultivar os ancestrais objetiva manter sua energia vital na comunidade após a morte. Os rituais fúnebres e posteriormente as preces e oferendas ofertadas aos ancestrais garantem que sua energia vital seja preservada, o ancestral só morre quando é esquecido e desprezado pela comunidade.

Nas macumbas a morte não é tratada como sombria ou como a despedida para um além irretornável ou como a finitude absoluta da vida comunitária. A vida prossegue na Natureza. A chegada

de uma nova moradora nos cemitérios é o anúncio de uma nova vida, a chegada renasce na catacumba ou no cruzeiro como uma flor, a planta metaforicamente é a ancestral enterrada. A morte e a decomposição do corpo fazem parte da nova história da ancestral, as cantigas usam termos que descrevem o processo biológico da finitude e relatam a Natureza como a nova morada ou seria corpo ou seria metáfora para a preservação da memória da ente enterrada. Exu Mirim lembrou que Dona Rosa Caveira narra sua história cantando:

Uma roseira nasceu na catacumba,
Todas as almas esperavam essa flor!
Oi que linda rosa, Que linda roseira!
Essa rosa tem espinho/ Ela é mulher de Exu Caveira!
Uma roseira criou uma luz na escuridão,
Mas os galhos da roseira se enrolaram num caixão.
Apareceu uma mulher no lugar dessa roseira,
No rosto havia um manto preto que escondia uma caveira.
De um lado do rosto uma mulher linda,
Uma rosa perfumada,
Do outro lado um esqueleto,
Uma caveira toda queimada.

Assim como, Dona Cruzeiro canta:

Nasceu no cruzeiro das almas
Uma roseira que já deu flor

Entre ela uma rosa
Tem uma que numa mulher se transformou
Praticando sua caridade com muito amor
Exalando harmonia como perfume da flor

Ela é moça bonita
É fasceira, é formosa

Pombagira do Cruzeiro é a mais bela das rosas.

Sartre que ouvia atento pensou que poderia tomar um desvio entre os que esperavam a ressurreição dos mortos e os que apelavam reencarnarem na terra ou noutro planeta, sua posição de negar a continuidade da vida após a morte estava abalada. Antes que Sartre comentasse sua condição o menino levantou-se e saiu cantando:

Exu Mirim já vai
Exu Mirim já vai
Se o Exu já foi
Exu Mirim também vai.

Assustado, Sartre lhe perguntou o que ocorrerá ao que Exu Mirim respondeu que estava sendo invocado noutro lugar. Disse que numa macumba estavam cantando:

Vi um menino sentado na encruza
Perguntei o que é que foi
E perguntei o que é que faz
Eu vim aqui
Desmanchar feitiço
Mas pra Calunga
Eu já vou voltar
Eu sou Exu Mirim
E aprendi a trabalhar
Quem me ensinou foi Tranca Ruas
E o seu feitiço
Eu vou quebrar
Quero um marafo pra beber
E um charuto pra fumar
Seu feitiço mandei embora
Para nunca mais voltar.

Considerações

Fomos com Simone ao terreiro da Gomeia porque listamos pai Joãozinho entre nossos ancestrais, contra-assinamos a obra de Sartre com as cantigas de Exu Mirim porque entendemos que a luta que nossas ancestrais empreenderam em nosso país é narrada por nossas griots que conversam com seus fantasmas, seus espectros. Nossos mortos não retornam

para obsidiar. Antes, habitam nossas matas, encruzilhadas, rios, cachoeiras, pedreiras, etc., e as reconhecemos como caboclas, pretas-velhas, boiadeiras, pomba-giras, etc. Talvez, a relação que estabelecem ao conectar vivos e mortos depute o apelo pela confissão institucional dos crimes contra a humanidade que o país cometeu e ainda comete contra seus descendentes.

Talvez, a Macumba é um acontecimento que aponta um por-vir de descolonização e desconstrução da religião na medida em que apela a diversidade religiosa, quando permite que cada coletividade reunida no terreiro se autogoverne, quando reconhece que cada comunidade que habita nosso território tem sua ancestralidade e tem o direito e o dever de reverenciá-la segundo suas tradições, e principalmente quando recusa toda e qualquer tentativa de universalização da prática religiosa, isto é, reconhece que as religiões resultam da necessidade dos descendentes de preservarem seus ancestrais vivos e de contarem suas memórias. Logo, os negros de terreiros comprometem-se e prometem que a experiência religiosa é um espaço de acolhida in-condicional dos mortos, dos vivos e dos que nascerão com o intuito de manutenção da vida humana, da vida dos animais não-humanos, dos vegetais e minerais, isto é, a Macumba e outras religiões de terreiro deputam à preservação da Natureza.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **La cérémonie des adieux suivi de Entretiens avec Jean-Paul Sartre** : août-septembre 1974. Paris: Galimard, 1981. Tradução Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- LEVY, Benny. **O testamento de Sartre**. Tradução J. A. Pinheiro Machado [et al.]. Porto Alegre: L&PM, 1981.

PINGUAUD, Bernard (Org.). **Sartre hoje**. São Paulo: Documento, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

_____. **Sartre no Brasil**: a conferência de Araraquara; filosofia marxista e ideologia existencialista. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Unesp, 1986.

_____. **A rainha Albermarle ou o último turista**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Globo, 2009.

_____. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2009b.

Recebido em 2020-05-25

Publicado em 2021-03-06